

## REFLEXÕES SOBRE O FAZER DOCENTE A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Amanda Bianca Gomes da Costa <sup>1</sup>  
Elaine Suane Florêncio dos Santos <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem o intuito de apresentar um recorte do relatório de estágio realizado na Educação Infantil no município de Juazeiro-BA, no primeiro semestre de 2025, pela Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina. Ao longo do estágio vivenciamos a relação entre a pesquisa e o ensino, que nos permite adentrar nesse primeiro contato com o chão da escola com um olhar curioso de quem busca entender as relações e as práticas desenvolvidas pela docência. Desse modo, como exercício da pesquisa, utilizamos a entrevista semi-estruturada com o objetivo de compreender, a partir da escuta, a percepção dos professores e coordenadores sobre o fazer docente na Educação Infantil e o papel da coordenação frente às mediações e práticas pedagógicas. Neste recorte, buscamos nos focar na entrevista com a professora e refletir sobre a realidade cotidiana das interações infantis à luz das teorias às quais nos debruçamos, como materializam-se no cotidiano pedagógico o trabalho docente, permitindo também refletir sobre aproximações e distanciamentos entre as orientações curriculares e as práticas realizadas no ambiente escolar. A partir da escuta, nos ancoramos nos estudos de Ostetto (2012), Pimenta e Lima (2008), Schön (2000) e Vázquez (2011) para compreender os sentidos atribuídos pelas profissionais à práxis pedagógica no contexto da Educação Infantil, refletindo sobre como os saberes teóricos se articulam com as experiências concretas do trabalho pedagógico nos primeiros passos da formação docente: o estágio. A análise da entrevista foi articulada à vivência do estágio, que possibilitou ampliar a compreensão sobre os desafios da docência na Educação Infantil e os tensionamentos entre as concepções pedagógicas declaradas e aquelas efetivamente aplicadas. Assim, reafirmamos a importância do estágio como espaço formativo de reflexão crítica sobre a realidade escolar, que promove o diálogo entre o conhecimento teórico, os desafios reais da sala e os saberes para uma práxis pedagógica efetiva.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Fazer Docente, Estágio Supervisionado.

### INTRODUÇÃO

A Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 (Brasil, 2008), estabelece a normatização do estágio dos estudantes, discorrendo sobre o estágio obrigatório e o não obrigatório (Art. 2º). De acordo com a lei, o estágio é um “ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante”.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco - PE, amanda.bianca@upe.br

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Professora orientadora de estágio supervisionado no Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco - UPE/Campus Petrolina - elaine.florencio@upe.br



No entanto, quando estamos inseridos no campo de estágio, nossa observação participante nos permite vivenciar muito mais do que somente um treinamento para que possamos atuar como docentes em sala de aula. Esse momento nos permite criar conexões e problematizações sobre a nossa própria identidade profissional, sobre quem estamos nos tornando enquanto futuros pedagogos e profissionais da educação.

No estágio, nos deparamos com o novo, com as incertezas e situações inesperadas que demandam de nós a busca por estratégias e ações que nos possibilitem desenvolver habilidades e competências de profissionais capazes de colocar em prática uma práxis pedagógica transformadora. Nesse sentido, o movimento de reflexão-ação-reflexão (Schön, 2000) é uma possibilidade para a superação das limitações do conhecimento científico em guiar a prática e a formação do profissional.

Dentro da realidade da Universidade de Pernambuco- Campus Petrolina, o estágio na Educação Infantil é o primeiro a ser vivenciado, sendo também o primeiro contato, tecnicamente, com a realidade escolar. Por se tratar de bebês e crianças pequenas, esse campo de atuação requer um constante movimento de reflexão sobre as nossas próprias ações e, conseqüentemente, sobre a prática na busca por ressignificar o visto, o observado, por constituir nossa própria práxis reflexiva, para que possamos entender as demandas das crianças dessa etapa da educação e responder às nossas próprias inquietações na formação profissional.

Nesta perspectiva, Ostetto (2012, p.20) nos elucida sobre a importância de vivenciar o estágio de forma imersiva, estando conectados e atentos ao cotidiano da instituição, a fim de identificar temas que merecem investigação ou aprofundamento, bem como desenvolver ou reforçar uma postura investigativa, guiada por uma ética baseada na escuta atenta e na observação pertinente. Essa postura busca ir além das aparências do que acontece na educação, promovendo uma análise crítica e uma compreensão mais ampla dos fenômenos educativos a partir dos instrumentos metodológicos de investigação.

Sob esse viés, a proposta deste artigo surge da vivência no campo escolar e da articulação entre ensino e a pesquisa, que possibilitou uma imersão crítica no cotidiano docente, buscando compreender como se materializam as práticas pedagógicas e as relações estabelecidas entre professores, crianças e equipe escolar.

O presente artigo apresenta um recorte do relatório de estágio supervisionado realizado na Educação Infantil, no município de Juazeiro-BA, no primeiro semestre de



2025, pela Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina<sup>3</sup>. Como exercício investigativo, utilizamos a entrevista semi-estruturada como instrumento de escuta e reflexão sobre a percepção de professores e coordenadores quanto ao fazer docente e ao papel da coordenação nas mediações pedagógicas.

Para tanto, discutiremos sobre a análise da entrevista com uma professora da Educação Infantil, com o intuito de refletir sobre as práticas docentes e interações infantis cotidianas à luz das teorias da Pedagogia da Infância, buscando compreender como os saberes teóricos se entrelaçam às experiências concretas do trabalho educativo, revelando os sentidos atribuídos à práxis pedagógica. Assim, o artigo propõe discutir o estágio como um espaço de formação que vai além da observação, constituindo-se como um campo de reflexão crítica, onde teoria e prática se encontram na construção dos primeiros passos da identidade docente.

## METODOLOGIA

De acordo com Gil (2019), a entrevista é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação para a pesquisa. Nesse sentido, a realização da entrevista com a professora regente configura-se como um instrumento de pesquisa essencial para guiar as nossas reflexões. Por questão ética, com intuito de proteger a identidade da professora, utilizaremos o nome fictício “Alma” na análise da entrevista.

A compreensão do universo vivido pelos sujeitos investigados requer uma abordagem que privilegie a perspectiva dos indivíduos e grupos sociais, considerando seus significados, percepções e experiências acerca das situações que vivenciam (Gil, 2010). Nessa direção, adotamos um percurso metodológico de caráter qualitativo, pautado na observação participante, escuta e convivência com o contexto pesquisado.

Conforme Whyte (2005), durante a observação participante, devemos considerar a importância da construção de uma relação de confiança entre pesquisador e participantes, reconhecendo que a coleta de dados depende, em grande medida, da qualidade dos vínculos estabelecidos no campo. O autor destaca que, a interação investigativa requer sensibilidade ética e respeito aos limites interpessoais, de modo que

---

<sup>3</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da UPE, entidade do Governo do Estado de Pernambuco voltada para o fomento ao Ensino, à Pesquisa e à extensão.



questões mais delicadas só devem ser abordadas quando houver segurança quanto à solidez da relação construída. A partir dessa convivência pautada no respeito e na ética, as informações tendem a emergir de forma espontânea, sem a necessidade de intervenções excessivamente formais.

Tal perspectiva, no contexto deste trabalho, aliada à entrevista como instrumento de pesquisa, possibilitou captar os sentidos atribuídos pelos participantes às suas ações e respostas, sem a necessidade de incluir perguntas que pudessem constranger ou afastar a professora entrevistada, o que poderia comprometer a qualidade da análise dos dados.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A relação entre teoria e prática no estágio supervisionado é, sem dúvida, uma das discussões mais recorrentes nos cursos de Pedagogia. Os estagiários chegam às escolas carregando suas bagagens teóricas e se deparam com os saberes docentes construídos no ambiente escolar. Pimenta e Lima (2018) refletem sobre inseguranças que surgem nos estagiários em relação ao distanciamento entre os conhecimentos teóricos e a realidade de uma sala de aula. No entanto, as autoras apontam possibilidades para a superação desses desafios, ao discorrer que:

O estágio como reflexão da práxis possibilita aos alunos que ainda não exercem o Magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na atividade docente. No entanto, a discussão dessas experiências, de suas possibilidades, do porquê de darem certo ou não, configura o passo adiante à simples experiência. A mediação dos supervisores e das teorias possui papel importante nesse processo. (Pimenta e Lima, 2018, p. 97)

Ao vivenciar a experiência do estágio de forma imersiva, o estudante é capaz de superar os limites do senso comum pedagógico e desenvolver uma compreensão crítica sobre o que observa no cotidiano escolar. O sentido do estágio em espaços escolares está intrinsecamente ligado ao processo de aprender a ser professor, permitindo conhecer e experienciar a profissão docente em sua essência.

Nesse contexto, o estágio, enquanto componente curricular, deve oferecer os fundamentos teóricos necessários para sustentar e fortalecer as reflexões dos estudantes acerca desse período formativo, reconhecendo sua constituição como práxis pedagógica. A intersecção entre a vivência prática e a reflexão teórica resulta na mudança de atitude frente às descobertas do cotidiano escolar, no momento em que o discente compreende à dinâmica do estágio, sua natureza e seus objetivos.



Ao decorrer das atividades do estágio, é comum que ocorra também a análise do Projeto Político-Pedagógico (PPP), que, segundo Marques (2008, p. 45), pode ser definido como “um instrumento de trabalho que, a partir de sua filosofia e diretrizes, ou marco referencial, assume compromissos com a realidade da instituição e do seu público-alvo”. Nesse sentido, esse documento carrega em si os princípios norteadores da instituição, os quais podem ou não se manifestar na cultura organizacional da escola e no fazer docente.

O exercício de análise do PPP é, geralmente, proposto como uma atividade inicial e norteadora para a inserção no campo de estágio. É nesse movimento que se torna possível estabelecer conexões entre o que é observável e o que está implícito nas ações e nos discursos dos sujeitos. De acordo com Zabala (1998), cada proposta metodológica reflete as concepções sobre o ensinar e o aprender, e o valor que o professor atribui ao que fundamenta e direciona sua prática.

Quando compreendemos a análise desse documento dessa maneira, estamos mais amparados por aportes teóricos para nossas reflexões acerca do ambiente escolar, de seus sujeitos e dos modos de agir e pensar sobre sua existência nesse contexto. Nesse percurso reflexivo, o estagiário compreende que o fazer docente é muito mais complexo do que o que dizem documentos normativos, diretrizes curriculares e conhecimentos teóricos. É na prática e no chão da escola que se aprende como uma práxis pedagógica pode ser um potente meio de transformação de realidades.

No entanto, como destacam Barbosa e Gobbato (2022), esse “como fazer” exige reflexão constante e intencionalidade, pois ensinar na Educação Infantil é um ato de repolitizar o fazer docente, ou seja, entender que ensinar é também uma ação política, ética e estética, não apenas técnica. A técnica é necessária porque operacionaliza os princípios pedagógicos, mas, quando sozinha, ela esvazia de sentido as ações pedagógicas. Assim, o estágio se torna um espaço de formação que convida o futuro professor a pensar sobre o porquê e o como de suas ações, evitando um fazer mecânico e favorecendo a construção de uma prática comprometida com o desenvolvimento pleno das crianças.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



A elaboração das perguntas da entrevista buscou compreender as percepções, práticas pedagógicas da professora Alma<sup>4</sup>. O intuito foi identificar como a docente entende e vivencia aspectos centrais do seu trabalho, como a relação entre cuidar e educar, o brincar, o planejamento, a avaliação e os desafios do cotidiano escolar.

Além disso, o conjunto de questões visou aprofundar a compreensão sobre a formação, a experiência profissional e as escolhas pedagógicas da professora, relacionando teoria e prática no contexto da Educação Infantil. Dessa forma, buscamos analisar como ela constrói sua práxis docente, quais valores e concepções orientam suas ações e como lida com as condições concretas de trabalho e os avanços observados na área desde o início da sua atuação até os dias atuais.

Com relação à sua formação inicial, a professora relata que iniciou sua jornada no magistério há 24 anos. Ela afirma que, nesse período, os estagiários eram incentivados a ter autonomia e a observar as práticas docentes cotidianas. Posteriormente, cursou Pedagogia e iniciou seu trabalho na Educação Infantil municipal. De acordo com sua experiência nessa etapa de ensino, destaca as especificidades de ser docente na Educação Infantil, que a diferencia dos professores das demais etapas:

“O afeto, o buscar de estratégias e recursos constantemente para que as crianças desenvolvam as habilidades necessárias a sua faixa etária.” (Entrevista, data: 25/05/2025)

Nota-se que a preocupação com o desenvolvimento de habilidades está ligada às competências previstas no planejamento, ou seja, oriundas dos documentos curriculares, mais precisamente, o que diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a respeito da faixa etária de sua turma. Na pergunta seguinte, ainda percebemos como ela compreende o papel do professor na Educação Infantil sobre a relação entre cuidar e educar:

“Ainda que o papel do professor seja ‘educar’ (contribuir no desenvolvimento das habilidades), não podemos isolar o cuidar, afinal as crianças passam muito tempo do dia com o professor, então muito do cuidar deverá estar dentro do planejamento, ligando diretamente as habilidades.” (Entrevista, data: 25/05/2025)

Ao longo do período de observação, notamos que a concepção de “educar” apresentado pela professora, como sendo o papel do profissional, estar mais associada

---

<sup>4</sup> Por questão ética, com intuito de proteger a identidade da professora, utilizaremos o nome fictício “Alma” na análise da entrevista.



ao ato de ensinar, que, segundo o Dicionário Oxford Languages (2025), configura-se como “transmitir (experiência prática) a; instruir (alguém) sobre”, do que o educar para além desse exercício de transmitir.

Ao relacionar o cuidar e o educar no cotidiano, a professora demonstra compreender essa primeira dimensão a partir das atividades assistenciais e no ensino de normas comportamentais. Embora, sua voz refere-se ao cuidar como parte do planejamento, foi possível identificar, ao longo da observação, que durante as vivências as crianças permanecem a maior parte do tempo sentadas e realizam as “tarefas” individualmente, interagindo apenas com a professora, que se volta para verificar se estão fazendo certo ou errado e intervir. As interações infantis e coletivas são raras e não produzem discussões, possibilitando ouvir as crianças acerca das temáticas apresentadas e o que ela se refere a cuidar é reportado para a assistente educacional.

Nessa realidade, nos inquieta observar a reprodução das práticas que infelizmente são vistas nos anos iniciais. A perda da intencionalidade pedagógica das ações educativas, que ficam centradas na relação adulto–objetivo–”aluno”, em detrimento dos direitos de aprendizagem, que devem ser construídos coletivamente. Barbosa (2018) defende que, embora a BNCC traga objetivos gerais, é o professor quem deve criar suas próprias intencionalidades pedagógicas, sendo esta sua função docente. Ao ignorar o contexto social e as relações entre as crianças, como se o aprendizado ocorresse de forma isolada, cria-se um ambiente que desconsidera as condições materiais e relacionais em que a criança vive, aprende e se constitui como sujeito no mundo.

Ela também reforça a importância do brincar no desenvolvimento infantil, seja ele livre ou dirigido. Nesse contexto, afirma que o referencial teórico que norteia sua prática é Vygotsky, além da Base Nacional Comum Curricular e seus Campos de Experiências. E sobre isso ela afirma:

*Como diz Lev Vygotsky, o brincar é uma atividade essencial para o desenvolvimento que vai muito além do simples prazer ou distração. E como a BNCC preconiza que devemos planejar ações/atividades com base nas interações e brincadeiras, vejo o brincar tanto orientado quanto livre essencial para o desenvolver e o conhecer cognitivo, emocional, social e psicológico de cada criança, em suas diversas fases. Sendo o brincar ao ar livre, fora das salas, mais rico e essencial para a qualidade do educar na infância. Porém, temos alguns empecilhos que nos limitam, estamos localizados em uma cidade que é muito quente durante todo o ano, assim os nossos espaços externos ficam limitados por falta de adequação para as crianças (cobertura). E as praças, em sua maioria, não distam das EMEIs<sup>5</sup> e*

<sup>5</sup> Escolas Municipais de Educação Infantil.



*também acabam oferecendo perigos para as crianças, por conta da falta de manutenção, limpeza etc. (Entrevista, data: 25/05/2025).*

No entanto, foi observado que os momentos de brincadeira livre eram, na maior parte do tempo, controlados para que ocorressem de forma silenciosa e com as crianças sentadas em suas próprias cadeiras, o que limitava as possibilidades de desenvolvimento por meio das interações lúdicas e com o ambiente ao redor. Já as brincadeiras dirigidas eram organizadas cronologicamente, a fim de não comprometer o andamento das atividades seguintes nem gerar agitação excessiva.

Em relação aos espaços físicos, a preocupação manifestada pela docente é pertinente, pois evidencia uma falha no planejamento da infraestrutura das instituições de Educação Infantil. De acordo com Tiriba (2010), o ambiente externo deve ser agradável, bem ventilado, ensolarado e proporcionar conforto aos sujeitos. Considerando que as crianças passam boa parte do dia nas instituições, a restrição do contato com o ar livre se configura como uma forma de aprisionamento, visto que, segundo ela, as crianças são “seres da natureza”. A autora ainda elucida a importância do “desemparedar” na Educação Infantil, pois:

Além de se constituírem como espaços de brincar livremente e relaxar, esses lugares, **como os pátios**, podem também ser explorados como ambiente de ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagem, em que se trabalha uma diversidade de conhecimentos. (Tiriba, 2010, p. 9, **grifo nosso**)

Quando questionada sobre as condições de trabalho docente (como espaço, materiais, número de crianças e tempo) e se elas atrapalham ou ajudam em sua atuação, Alma responde que os espaços internos (salas) são favoráveis, mas os materiais e recursos nem sempre são os mais adequados. Ainda assim, as professoras buscam trabalhar com o que têm.

A respeito do número de crianças, ela aponta que uma sala cheia, com 22 crianças de 3 anos, inviabiliza um aproveitamento, quando vão apenas 15, por exemplo, a vivência rende melhor. Quanto à jornada de trabalho de 40 horas e o fazer docente com essa faixa etária, considera cansativo, mas afirma ter se identificado com o trabalho, enxergando possibilidades de reinventar sua prática:

*O planejamento é pensado em temas/temáticas que tenham significados e que possamos perpassar em todos os campos, partindo sempre de uma história, brincadeira, música, vídeo, etc., que permitam explorar as habilidades de forma contextualizada; daí vem as escolhas dos materiais necessários, os momentos, espaços e demais elementos dinâmicos. Todos os campos são*





*muito importantes, porém, sem dúvida, Escuta, fala, pensamento e imaginação é mágico, permite entrelaçar qualquer habilidade e observar os avanços com significado, ele está todos os dias em nossas aulas, ainda que não apareça escrito no planejamento diário. (Entrevista, data: 25/05/2025)*

Embora ela retrata que o planejamento é pensado de forma que tenha significado, mas a temática posta de cima para baixo, ou seja, pensada pela secretaria de educação, e enviada para os professores, retira delas a dimensão da escuta das crianças sobre o que eles podem trazer para o planejamento, bem como retirar, a opção da própria professora poder pensar de acordo com a intencionalidade de seu trabalho. Sua fala expressa suas concepções e revela sua interpretação, sobre o próprio campo de experiência citado, por exemplo, que volta-se em sua prática para o enfoque do trabalho com a letra inicial de todos os objetos de estudo. A sala dispõe de várias produções dos alunos relacionadas às letras iniciais e, em todas as atividades, eles são convidados a identificá-las. O nome próprio também é bastante explorado, mas majoritariamente de forma a reconhecer e transcrever sua escrita. As múltiplas linguagens na Educação Infantil é um meio potente pelo qual as crianças têm oportunidade de mostrar seu protagonismo em situações educativas. No entanto, é preciso proporcionar a elas essas experiências.

Quanto aos recursos que mais gosta de utilizar em suas vivências e os que gostaria de usar, mas ainda não teve a oportunidade, a professora discorre:

*Gosto muito dos recursos que posso inserir a música, os experimentos, os objetos e os brinquedos, as crianças se encantam com as descobertas. (Ex.: trabalhar grãos e mostrar o grão do milho de pipoca, estudar a letra inicial, se alguém tem o nome com a mesma inicial, a cor do milho, o plantio e o transformar o milho em pipoca, ali nos olhos deles, é mágico). Caso eu pudesse, teria um canto/espaco com jogos educativos que eles mesmos pudessem observar, montar, tocar e fazer algumas descobertas. (Entrevista, data: 25/05/2025)*

Na observação ao longo da permanência com a turma, foi possível perceber que a sala não dispõe de muitas opções, e a maioria é confeccionada manualmente pela professora. Quanto aos brinquedos, há uma caixa com carrinhos, bonecos, blocos de montar e de encaixe, deixados para livre manuseio durante o brincar livre, todas as sextas-feiras antes do horário de saída. A professora já mencionou que considera o brincar essencial para o desenvolvimento da criança, mas esse foi o único momento em que realmente observei as crianças interagirem com o meio, se comunicarem e deixarem sua imaginação fluir sem a intervenção de um adulto, salvo em casos de conflitos. Por fim, a docente discorre sobre os desafios da profissão e como avalia e reflete sobre suas



práticas:

*Atualmente, um dos maiores desafios são as famílias; elas acham que o professor é babá, médico etc., e deixam toda a responsabilidade sobre o professor. As crianças não aceitam o não e levamos bastante tempo para que se adaptem à rotina. Os avanços são muitos, pois desde que a criança chega à escola (semana de adaptação), são orientadas a falar, expressar seus desejos e necessidades, entre muitas aprendizagens que são visíveis com o passar de cada dia, semana, mês, etc. (Entrevista, data: 25/05/2025)*

Nesse sentido, observamos o esforço da professora em incentivá-las a se adaptarem à ordem e à rotina do ambiente escolar. As crianças possuem uma rotina bem definida e conseguem segui-la tranquilamente. Os desafios mais evidentes, implícitos em sua fala, relacionam-se à dificuldade das famílias em compreenderem o real objetivo da Educação Infantil. Muitos responsáveis ainda veem as escolas dessa etapa como um local para deixar os filhos enquanto estão ocupados com outros afazeres. Diversas vezes, essas crianças são deixadas até mesmo doentes nesses espaços, e é aí que se entende o porquê da professora considerar que os docentes são vistos como médicos ou babás, e não como profissionais da educação.

Sem dúvidas, o cuidar e o educar na Educação Infantil são indissociáveis e se fazem presentes no próprio trabalho docente, no qual ele pode ou não desempenhar um papel na construção de um ambiente que favoreça tanto a aprendizagem quanto o bem-estar das crianças. Isso implica planejar e organizar os espaços, refletir sobre a gestão do tempo, selecionar e produzir materiais, bem como estruturar percursos e propostas pedagógicas que se transformam e ganham sentido nas interações cotidianas com as crianças. Além dessas ações concretas, há também um aspecto expresso na tessitura de um educador disponível e atento para conviver com as crianças, ouvir suas interpretações e hipóteses sobre o mundo, compartilhar significados e construir, junto a elas, práticas de cuidado e educação pautadas no afeto e na escuta (Barbosa, 2022).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado na Educação Infantil constitui-se num espaço de construção de saberes docentes para além dos conteúdos formais, especialmente ao permitir uma imersão nas complexidades cotidianas do trabalho pedagógico. A partir da análise da entrevista com a professora supervisora e das observações participantes realizadas, foi possível perceber os desafios enfrentados, a necessidade de



esclarecimento quanto a relação entre o cuidar e o educar na educação infantil, quanto a intencionalidade das práticas e do conhecimento acerca do que propõe os próprios campos de experiência, além das relações estabelecidas entre professor, criança e família.

Além disso, as limitações de infraestrutura e os obstáculos para promover o brincar como intrínseco ao desenvolvimento infantil foram questões centrais desafiadoras ao analisarmos como as experiências concretas do trabalho docente, implicam num desvio da práxis pedagógica para ações educativas que se distanciam do propósito de uma educação infantil transformadora.

Destacamos a urgência de ações concretas que aproximem a escola e a família, ampliando debates sobre a intencionalidade pedagógica e educacional das Escolas Municipais de Educação Infantil, no que diz respeito à construção da cidadania e no fortalecimento do fazer pedagógico comprometido com a transformação social.

Por fim, a análise evidencia como a observação participante no estágio proporciona o desenvolvimento de uma postura investigativa e reflexiva, fundamental para a construção de um profissional da educação que avalia constantemente seus modos de se fazer docente. Ao refletirmos sobre as orientações curriculares com as situações reais da escola, emergem oportunidades de ressignificar práticas e pensar estratégias educativas que valorizem a autonomia e o protagonismo das crianças. Defendemos que a formação inicial deve promover a capacidade de análise crítica do contexto escolar, favorecendo práticas pautadas no diálogo, escuta e respeito aos direitos das crianças.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A BNCC e os direitos das crianças: Educação Infantil em evidência-uma entrevista de Maria Carmen Silveira Barbosa para a RCC. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 5, n. 2, p. 9-13, 2018.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; GOBBATO, Carolina. A complexidade do “como fazer” na educação infantil: implicações para a formação docente na perspectiva da artesanaria. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 14, n. Esp, p. 312–331, 2022. DOI: 10.28998/2175-6600.2022v14nEsp312-331.



BRASIL. Lei no 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes.** Diário Oficial da União, Brasília, 26 set. 2008. Seção 1, p. 3.

ENSINAR. **Oxford English Dictionary**, set. 2022. Disponível em: <https://www.oed.com>. Acesso em: 10 out. 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

OSTETTO, L. E. **Itinerários da formação docente: saberes e experiências do estágio curricular do UJS.** São Paulo: Laborciência, 2012. p.17-32.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e docência.** (Coleção docência em formação: ensino superior). São Paulo: Cortez Editora, 2018. E-book. p.97. ISBN 9788524926457.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

TIRIBA, Lea (Consultora). **Crianças da Natureza.** Ministério da Educação e do Desporto. Coordenadoria de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2010. Disponível em: Acesso em: 20 de fevereiro de 2015.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada.** Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

